



**Discurso do Presidente da República em exercício, José Alencar, na  
solenidade de entrega da Ordem do Mérito Aperipé**

**Aracaju-SE, 23 de agosto de 2004**

Excelentíssimo senhor governador João Alves,

Excelentíssimo senhor ex-governador Albano Franco,

Excelentíssimos senhores deputados federais aqui presentes. Eu cumprimento a todos, nas pessoas do deputado Valdemar Costa Neto, presidente nacional do meu partido; e do deputado Sandro Mabel, líder do meu partido na Câmara dos Deputados, em Brasília,

E os deputados, aqui, da região, nas pessoas de deputado Cleônicio Fonseca, Ivan Paixão e Jorge Alberto, além do deputado Pastor Heleno, nosso companheiro, também, do PL,

Deputado Bosco Costa,

Deputado João Fontes,

Excelentíssimo senhor prefeito da capital, nosso caríssimo e eminente amigo Marcelo Deda,

Excelentíssimo e reverendíssimo senhor arcebispo metropolitano de Aracaju, dom José Palmeira Lessa,

Magnífico reitor da Universidade Federal de Sergipe, professor doutor José Fernandes de Lima,

Excelentíssimo senhor presidente da Câmara Municipal, vereador Sérgio Góes. Em seu nome quero cumprimentar a todos os vereadores aqui presentes.

Magnífico reitor da UNIP, professor Gilberto Uchôa de Mendonça,

Excelentíssimas autoridades aqui presentes,

Minhas senhoras e meus senhores,



É realmente excepcional a honra que me cabe, neste instante, quando recebo esta medalha importantíssima, da Ordem do Mérito Aperipé. Todos puderam observar a generosidade com que o ilustre governador João Alves falou ao meu respeito. E deve ter sido essa generosidade do seu coração magnânimo, que motivou a homenagem que hoje recebo, aqui, em Aracaju.

De modo que minha primeira palavra é de agradecimento ao governo e especialmente ao governador João Alves, pela decisão de me outorgar esta importante Comenda.

Mas, obviamente, eu teria que trazer um texto, e vou pedir permissão para lê-lo:

Honrou-me, sobremodo, o nobre governador João Alves com a outorga da Ordem do Mérito Aperipé, em cujo simbolismo sintetizam-se os ideais libertários, que inspiram os sonhos e a trajetória vitoriosa do bravo povo do estado de Sergipe.

Produto que somos da miscigenação das três raças, herdamos do índio esse amor irrequeto à liberdade que fez com que ele nunca aceitasse o jugo da escravidão. Pois foi esse o sonho que sempre inspirou nossos ancestrais indígenas, a grande motivação do cacique Aperipé quando embrenhou-se, com seus guerreiros, ao longo do rio Vaza Barris, para não se submeter ao comando das tropas do então governador Geraldo Brasil, nos idos de 1575.

Com inteiro sentimento de justiça, o governo do estado de Sergipe emprestou o nome daquele histórico líder indígena, através da Ordem do Mérito Aperipé que, desde 1972 destina-se a agraciar personalidades e instituições que tenham prestado relevantes serviços ao estado e ao país.

Fico profundamente honrado ao formar, hoje, no elenco de tais homenageados, como atestado eloquente de que o estado de Sergipe vislumbra, em minha vida pública, grandes entidades com a trajetória demarcada pelo cacique Aperipé, no ideal sublime de uma pátria grande, livre, independente e respeitada pelo braço laborioso de seus filhos. Agradeço ao



governador João Alves pela honrosa comenda que me confere, a qual ostentarei com orgulho de conterrâneo sergipano.

Com o mesmo orgulho, daqui a pouco estarei recebendo na Assembléia Legislativa, também o título de Cidadão Honorário do estado de Sergipe, o qual me identificará ainda mais com a nobreza de sentimentos que aqui predomina. Ser cidadão sergipano, através da manifestação coletiva dos dignos representantes do povo deste estado é fato que me envaidece sobremodo.

São homenagens que fazem crescer a nossa dívida para com o estado de Sergipe. O governador João Alves, no seu discurso, enfatizou a questão ligada ao custo de capital em nosso país. Nós todos sabemos que o capital é um dos fatores de produção. E enquanto as atividades produtivas não puderem remunerar, com vantagem, os custos de capital, obviamente que os investimentos não acontecerão na proporção que o Brasil necessita e pode, tendo em vista suas potencialidades de recursos naturais e humanos.

O Brasil é um dos países mais ricos do mundo. O Brasil possui uma fotossíntese, um sol inigualável, terra e água, o volume de água doce mais importante do Planeta, com coisa de 15% das águas doces do Planeta. Um povo bom, pacato, ordeiro, trabalhador, inteligente, versátil. Então, tudo isso demonstra a potencialidade de desenvolvimento da economia brasileira.

Nós estamos, há muitos anos, presos a essa política que tem, obviamente, boa intenção, porque aplica taxas de juros básicas, capazes de inibir a inflação. Nós todos sabemos que a inflação é um mal com o qual nenhum de nós deseja mais conviver.

O nosso governo, presidido por Luiz Inácio Lula da Silva, recebeu um quadro delicado. Todos se lembram que, no final do ano de 2002, a inflação estava recrudescendo perigosamente. Além disso havia, também, o crescimento do chamado risco-Brasil.

Então, a idéia, com toda a responsabilidade que caracteriza o nosso chefe de governo, o presidente Lula, o governo decidiu por tratar essa questão



com absoluta responsabilidade e cuidado. E assim foi feito, porque precisava o Brasil e, também, o governo que se instalava, buscar o aplauso também internacional, precisava que todos os organismos internacionais acreditassem no comportamento da economia brasileira.

Então, foi adotada ou foi mantida ou foi prosseguida aquela política monetária que nos levou àquela situação de que falou o governador João Alves.

No início do governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, 1995, nossa dívida pública, de fato, era coisa parecida com 30% do PIB. No final daquele governo, ela foi para quase 57%. Isso significou, portanto, 90% de elevação da dívida ou 27 pontos percentuais, 27%, portanto, do PIB. Hoje, um PIB de 1 trilhão e meio, esses 27% correspondem à coisa parecida com 405 bilhões de reais.

No mesmo período nós tivemos a elevação da carga tributária, que girava em torno de 27%, para 36%, numa elevação de 9 pontos percentuais. Esses 9% do PIB de 1 trilhão e meio são, também, 135 bilhões. A soma desses dois itens já vão a 405 mais 135, são 540 bilhões.

Naquele mesmo período, de 1995 até 2002, nós privatizamos, por exemplo, todo o sistema siderúrgico brasileiro, todo o sistema de telefonia, grande parte do sistema ou boa parte do sistema de empresas elétricas e a de distribuidoras e produtoras de energia elétrica. Privatizamos, também, a Vale do Rio Doce, que é um país. E obtivemos, em todas essas privatizações, uma soma aproximada de 90 bilhões de dólares. Se nós considerarmos o câmbio atual, isso seria 270 bilhões. Com aqueles quinhentos e tanto, já vão aí quase 800 bilhões de reais, nesse período.

E não houve recursos, de fato, o governador João Alves tem razão, não houve recurso suficiente para, por exemplo, cuidar da infra-estrutura de transporte brasileiro. Nós temos uma malha rodoviária gigantesca, no país, que ficou abandonada. Nem mesmo a conservação dela foi feita. Não se construiu



ferrovias, nem se aproveitou o potencial de hidrovias nacionais que são, obviamente, sistemas de transportes mais econômicos. Da mesma forma, também não se reaparelharam convenientemente os portos brasileiros. Tudo isso pode representar gargalo, nesse esforço gigantesco que se faz, hoje, para crescerem as exportações.

Então, de fato, nós temos que despertar, em relação ao problema do custo de capital. Eu não sou autoridade técnica para falar disso, porque não sou economista. Mas ninguém precisa ser economista para saber que enquanto as atividades produtivas não puderem remunerar, com vantagem, os custos de capital, não poderá existir investimento compatível com as necessidades do nosso país.

Mas, mesmo assim, nós estamos crescendo. Apesar disso tudo, nós estamos crescendo. O Brasil é grande. Nós vimos, por exemplo, naqueles primeiros quatro anos do governo que nos antecedeu, um período em que se teimou numa política cambial desastrosa para a economia brasileira. Mas, como Deus é brasileiro, o mercado atropelou o câmbio. E, no início de 1999, o câmbio passou a ser flutuante, no Brasil, e deu condições para que as empresas brasileiras se preparassem para disputar o mercado internacional, porque iria contar com um câmbio absolutamente equilibrado, porque flutuante. E isto tem acontecido.

Essas exportações têm, também, contribuído para o crescimento do mercado interno, porque tem que gerar empregos para produzir e exportar. Coisa de 70% das exportações brasileiras deste ano serão obtidas por produtos manufaturados, com valor agregado. A parcela representada por commodities da área agrícola e industrial é uma parcela, hoje, equivalente a 30% das exportações brasileiras deste ano. Então, tem havido um esforço gigantesco.

Outra preocupação diuturna do presidente Lula, eminente governador João Alves, tem sido fortalecer o conhecimento do Brasil, porque ele parte de



um princípio: ninguém pode gostar do que não conhece. Então, ele está procurando levar o Brasil a todos os rincões do mundo, para que o mundo conheça a potencialidade do território e do povo brasileiro. E tem feito isso de forma magistral. Nenhum outro governo da nossa história republicana fez um trabalho como esse.

Eu sou de Minas. Um dos presidentes da República de que mais nos lembramos foi Juscelino Kubitschek. Juscelino fez um trabalho excepcional de conquista do Oeste, levantou o moral dos brasileiros. O Juscelino não fez uma viagem ao exterior, durante o período de seu governo. Se eu fosse seu vice, eu não teria assumido nem um dia. Viu, Albano? Se eu fosse vice do Juscelino, eu não estaria chegando aqui, hoje, como presidente em Exercício, porque o Presidente está fora, hoje, do país, coincidentemente, porque eu, certamente, não teria marcado a data de hoje para estar aqui se já soubesse da sua ausência. Mas, já estava marcado, a viagem do Presidente foi marcada depois disso, e eu não poderia deixar de vir. Mesmo porque, estando em Sergipe eu estou num dos brasís mais legítimos. Então, eu posso perfeitamente estar aqui, sem prejuízo de estar de me afastando do meu país. Ao contrário, estou chegando no meu país, no meu verdadeiro país.

Nós temos, realmente, feito um trabalho ligado a essa preocupação. Nunca se viu, na história republicana, nunca se viu, maior transferência de renda, oriunda da produção, o que vale dizer, do trabalho, em benefício do sistema financeiro nacional e internacional.

As taxas de juros praticadas pelo sistema bancário, no acolhimento, por exemplo, de duplicatas do setor produtivo, são taxas que podem levar a indústria ao fracasso, mesmo com baixíssimo grau de endividamento. Então, claro que sendo assim, as empresas brasileiras não podem trabalhar alavancadas, como o fazem empresas dos países que cobram taxas de juros normais. E isso é verdade. Então, nós precisamos lutar contra isso.



E isto não é uma decisão do Copom, uma decisão técnica. Eu nunca fiz qualquer tipo de crítica a uma decisão do Copom. Nós temos é que procurar fazer com que o Brasil saia desse regime de juros equivocado, inadequado, inconveniente. Nós temos que fazer esse esforço. E não existe nada mais favorável ao fortalecimento do governo do que ajudá-lo a sair disso.

É claro que não é por vontade de ninguém que estamos nisso. Por exemplo, o risco-Brasil, eu acredito que grande parte das razões pelas quais o risco-Brasil é elevado são os juros com que o Brasil rola sua dívida, em relação aos juros com que os outros países rolam sua dívida.

Porque os credores, a banca internacional, os organismos oficiais têm o direito de acreditar que o Brasil possa, amanhã, não poder honrar, não suportar honrar a sua dívida, por razões óbvias. Então, daí a razão pela qual o risco-país é muito alto. Muito superior, por exemplo, ao risco-Colômbia.

Nós não temos nada contra a Colômbia. A Colômbia é um país vizinho e irmão. Mas nós sabemos que a Colômbia tem governo paralelo de guerrilha. E, no entanto, a taxa de juros praticada pela Colômbia, na rolagem da sua dívida, taxa básica real, é de 2,2%, enquanto a nossa dá 9,5%.

Bem, isso não pode, alguma coisa está errada. E nós temos que ter coragem para conversar sobre isso. Temos que ter coragem para tirar essa coisa, que está naturalmente posta, mas ainda não está clara, porque 90% da população ainda não sente isso diretamente, sente indiretamente, mas não tem, obviamente, condições de compreender o que está acontecendo.

Eu quero reiterar o meu melhor agradecimento pelas palavras generosas do nosso querido e eminente governador João Alves. Não sendo do litoral, trago, na vida, a visão das montanhas de Minas Gerais, onde lutou Tiradentes para que nascesse o ideal sublime de nossa Independência, em 7 de setembro de 1822.

Mas, bem antes daquele histórico sacrifício, já na Batalha dos Guararapes, o Brasil demonstrava o início da formação de sua nacionalidade,



através da união do índio, do negro e do branco, na expulsão dos holandeses, cuja vitória foi fruto da união e produto das três raças.

Sinto-me profundamente feliz por ver-me destinatário deste galardão que evoca a trajetória de um líder indígena, para homenagear a luta de um brasileiro que também não aceita o Brasil atrelado às decisões que venham de fora, divorciadas do sentimento de nossa gente.

Estou certo de que os sonhos de liberdade e de independência que impulsionaram os passos do cacique Aperipé ainda hoje continuam a inspirar o sentimento do povo sergipano na sua busca permanente pelos caminhos da ordem, do progresso, do direito e da justiça.

Muito obrigado.